

# Elle: um testemunho da dimensão masoquista do humano

Ignácio Alves Paim Filho<sup>1</sup>

Bruna Ferreira Fernandes<sup>2</sup>

Juliana Ledur Stucky<sup>3</sup>

Augusto Maschke Paim<sup>4</sup>

## RESUMO

Um dos conceitos metapsicológicos mais importantes, estruturados por Sigmund Freud em sua revolucionária ciência denominada psicanálise, é o masoquismo. Com suas ramificações em originário, moral e feminino, ele mostra-se um dos principais componentes da estruturação psicosexual do sujeito, atestando o conflito entre pulsão sexual e pulsão de morte, e tendo sua influência evidenciada na vida humana. A partir do filme francês *Elle*, palco de uma relação intensa entre uma protagonista feminina (Michèle) e um estuprador desconhecido, buscamos revisitá-lo para apresentar a força das vivências traumáticas - colapso da corrente da ternura em prol de uma sexualidade desgarrada -, bem como suas consequências na interação com o outro. Por meio da conflitiva edípica, do incesto, do parricídio e do interjogo entre eu e super-eu, este escrito pretende trazer à cena a relação entre a violência e o sexual, debatendo sobre os limites do patológico e, a partir deste, fazer um convite para refletirmos sobre o destino do masoquismo que habita em todos nós.

**Palavras-chave:** Masoquismo. Conflitiva edípica. Pulsão de morte. Estupro.

---

1 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA, membro titular da SBPdePA, professor convidado da pós-graduação em psicologia clínica da UCS e da UPE.

2 Psicóloga, psicanalista, membro associado a Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

3 Psicóloga clínica, especialista em terapia sistêmica pelo CEFI, mestre em psicologia social pela PUCRS.

4 Psicólogo clínico, psicanalista, membro provisório do CEPdePA.

*“Do ponto de vista da economia psíquica, a existência de uma vertente masoquista na vida pulsional é um fenômeno assaz enigmático”* (FREUD, 1924, p. 105).

Refletir sobre os enigmas que compõem a alma é um desafio carregado de vivências inquietantes que transitam entre a sombra e a luz, principalmente quando pretendemos pensar no ser humano pelo seu reverso. Reverso no sentido de nos distanciarmos da percepção da consciência – com suas ideias elaboradas/processo secundário – em direção à percepção do inconsciente – com seu turbilhão pulsional/processo primário. Percepção que nos possibilita aproximarmos da dialética que estabelece a vida anímica, desde os seus fundamentos, a partir do interjogo da pulsão de morte *versus* a pulsão de vida, concebendo que a resultante desse encontro pulsional é a responsável pela *vertente masoquista* no ser humano, o masoquismo primário (Freud, 1924). Vertente essa que denuncia a existência de um universo que transcende as leis que estão sob a hegemonia do princípio do prazer/desprazer.

Tomando por premissa tal proposição, estimulados pela produção cinematográfica *Elle* – palco de fortes cenas masoquistas –, pretendemos debruçarmos sobre os fundamentos e seus desdobramentos no desenvolvimento da psique. Para viabilizar essa construção metapsicológica, do estrutural ao psicopatológico, centraremos nossa escuta e nosso olhar, em particular, para a misteriosa personagem Michèle: “loucos são minha especialidade”. Aquela que nos convida, desde a primeira cena, a ser espectadores do seu estupro – a navegar em águas nebulosas – cometido por um agressor mascarado.

Essa cena retrata o impacto de uma violação e, ao mesmo tempo, remete a certo grau de indiferença, manifestada na forma desafetada com que a protagonista limpa as marcas do crime no seu corpo e na sua casa; no relato sobre ocorrido durante um jantar com amigos; no modo leviano com que busca aumentar a segurança de sua residência; na procura persistente, e com uma pincelada *voyeur*, a fim de conhecer a identidade do seu violador. A personagem também não transmite a dramaticidade que se imagina diante da violência de um estupro e, estranhamente, convoca o espectador, agora expectante, a acompanhar um enredo de

jogos sexuais, no qual a destrutividade é a combustão - esta que será determinante para o acontecer de mais dois episódios de “estupro”.

Como compreender esse contexto em que a destrutividade se faz tão contundente tornando o componente erótico praticamente destituído de importância? Seria o masoquismo, dito feminino por Freud, que se materializa nesse episódio? Ou, ainda, o masoquismo moral com seu sentimento de culpa e/ou necessidade de punição? Cremos que o filme permite-nos fazer especulações – que nos incitam a pescar nessas águas turvas – sobre as várias roupagens do masoquismo, as quais sinalizam para a sua universalidade estrutural. Apontamos que o fator intensidade é um elemento fundamental para discriminarmos o psicopatológico do estruturante: a intensidade marca destinos. Diante de tal constatação, atrevemo-nos a propor: todos fomos, e seguimos sendo, masoquistas na fantasia, tendo como referência a célebre expressão freudiana “Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia [...]” (FREUD, 1897, p. 273).

Revisitemos, então, o pensar freudiano sobre esse enigmático conceito, na busca por possíveis respostas a esses questionamentos. Começemos pela inquietante dualidade, presente nos estudos psicanalíticos desde 1920, pulsão de vida (sexual e autoconservativa) *versus* pulsão de morte (destruição), rerepresentada a nós no texto *O problema econômico do masoquismo* (FREUD, 1924). De forma ampla, costuma-se apresentá-las como força propulsora da vida humana, sendo sua relação de concorrência a responsável pelos destinos do Eu, no eterno jogo entre a vida e a morte. Mesmo que a clínica, a cultura e a teoria validem essa proposição, ainda assim, ela mostra-se, no mínimo, até os nossos dias, causadora de polêmicas contundentes. Originariamente, a pulsão de morte é a pulsão que nos constitui, a pulsão por excelência. Antes de a mãe segurar seu bebê no colo e investi-lo de afetos, este mesmo vê-se embebido de autodestrutividade, e sua alma, não libidinizada, busca apenas a descarga e o retorno ao estado de inércia, o que sugerimos ser o representante da morte em si. Todavia, quando ocorre a entrada dessa mãe, ela apresenta e inscreve nesse bebê, em seu estado de passividade - *disposição feminina originária* (PAIM FILHO, 2014) -, uma série de investimentos libidinais, os quais vão, pouco a pouco, registrando nesse indivíduo marcas mnêmicas correspondentes a *Eros*: pulsão de vida. É nesse momento que se instaura a

dualidade antes referida e, indo além, também é aqui que surgem outros possíveis caminhos para a pulsão de morte, agora chamada de destruição, pelo antagonismo da libido: da destrutividade tanática ao criativo (FREUD, 1924).

Quando estabelecido esse jogo de forças, a pulsão sexual exige da destrutividade que procure outros caminhos para sua satisfação. Dessa forma, Freud irá explicitar três possíveis destinos para essa descarga: o primeiro deles é o investimento dessa energia destrutiva no mundo externo, que pode ser manifestada como desejo pelo poder ou necessidade de possuir; uma segunda possibilidade de curso para essa pulsão encontra-se no mundo externo e caracteriza-se como sadismo, este mais influenciado pela pulsão sexual; o terceiro caminho, objeto deste estudo, é a não deflexão da pulsão de morte, ou seja, a permanência de uma de suas partes dentro da psique – contida pela solidariedade-excitatória-sexual –, estando implicada, de forma decisiva, na autodestrutividade do sujeito, o qual recebe o nome de masoquismo primário e erógeno. Em consonância com essa proposição freudiana, pensamos que o conceito de masoquismo primário “não erógeno”, assinalado por Paim Filho (2014), como par complementar do erógeno, fornece-nos um caminho para pensar na força de uma destrutividade mais intensa e primitiva. Esta remete às origens do psiquismo, em que encontramos maior prevalência da pulsão de morte em detrimento da pulsão sexual: precária eficácia da solidariedade-excitatória-sexual. O acréscimo de libido, que vai dar-se no desenvolvimento da psique, determinará o segundo tempo do masoquismo: o erógeno. Aventar essa possibilidade do “não erógeno”, como primeiro tempo do masoquismo, mostra-se um conceito fecundo quando nos deparamos com patologias nas quais o ato impera sobre a narrativa simbólica.

Portanto, compreendemos que as manifestações clínicas do além do princípio do prazer são o testemunho da fusão pulsional primordial: masoquismo primário “não erógeno”. Enquanto o masoquismo erógeno regido pelas leis do princípio do prazer perpassa por todas as fases do desenvolvimento psicosexual, delegando influência sobre as mesmas, este, agora investido de libido, toma como objeto o próprio Eu, formando, por meio de seu contato com a evolução do aparato psíquico, seus herdeiros no masoquismo secundário: o masoquismo feminino e o moral.

A terceira forma de masoquismo (moral) é dita por Freud (1924) “digna de nota” por ter como característica uma redução de envolvimento com a sexualidade - uma dessexualização -, o que determina a maior pujança da pulsão de destruição. Observa-se, em todas as demais formas de sofrimento masoquista, uma relação com o objeto de amor que inflige a dor. Porém, isso não acontece no masoquismo moral: nele considera-se o sofrimento por si só, independente de quem o esteja provocando, podendo ser causado, até mesmo, por circunstâncias impessoais. Somos levados a pensar, então, que há um desprendimento da libido e que a pulsão de destruição ficou voltada para dentro, contra si mesma. Essa situação propicia o jogo intrapsíquico, por vezes, mortífero - quando do excesso de pulsão de destruição em detrimento da libido - entre as instâncias, nesse caso entre o Eu e o Super-eu (herdeiro do complexo de Édipo). Assim, no declínio desse, ocorre uma dessexualização dos desejos incestuosos e parricidas, permitindo ao sujeito estruturar as duas grandes correntes da vida amorosa: a ternura e a sexualidade propriamente dita.

É nesse sentido que podemos falar sobre o sentimento de culpa inconsciente ou “necessidade de punição” - forma mais adequada, segundo Freud -, para referir-se a esse fenômeno. Há, porém, uma diferença entre o masoquismo moral e o sentimento de culpa inconsciente: nesses casos, existe uma relação entre o Eu e o Super-eu e, em ambas, há uma necessidade que se satisfaz mediante o castigo e o sofrimento. Contudo, na primeira, há uma intensificação do sadismo do Super-eu, ao qual o Eu submete-se. Na segunda, é o próprio masoquismo feminino do Eu quem vai ansiar por esse castigo, quer seja do Super-eu, quer seja das figuras de autoridade no mundo externo.

Retomemos a nossa personagem, tendo como escopo o lugar fundante do masoquismo e suas vicissitudes estruturais e psicopatológicas. Assim, propomos a usar nossa capacidade de fantasiar, a partir dos fragmentos dessa história, para fazermos uma construção hipotética sobre as origens tanáticas do masoquismo de Michèle. Ainda quando criança, a protagonista presencia um ato selvagem: um homem - que também é pai - mata diversas pessoas e animais da vizinhança, tudo isso embebido em um provável delírio religioso, tendo como fator desencadeante o fato de ter sido proibido de fazer o sinal da cruz na testa das crianças

de seu bairro. Por que essa proibição teve consequências tão nefastas? A menina - que também é filha - acaba sendo convocada, ou, talvez, re-convocada pelo pai a participar da cena do crime, que tem seu ápice no ato de incendiar a própria casa. Michèle narra ao seu alçôz, em determinada cena, o quanto o fogo (o pai) daquela noite a seduziu. Seria o fogo, sedução, decorrente da paixão incestuosa? Ela passa a ser conhecida, então, como a menina das cinzas. Pensamos essa cena como sendo o segundo tempo de um trauma primeiro, que nos auxilia a pensar o destino do masoquismo de Michèle com seu “sentimento de culpa inconsciente”. Todavia, sentimo-nos intimados a especular qual seria ou, ainda, como se deu o primeiro tempo do trauma. Uma vez inserido no contexto do masoquismo, sabemos que a necessidade de punição é, na verdade, o desejo de ser “surrada” pelo pai - seja na fantasia ou não - e que esse desejo está muito próximo ao desejo de sofrer o incesto numa posição passivizada em relação a ele. Portanto, é por meio da dessexualização do complexo de Édipo que a consciência e a moralidade surgiram (Super-eu), e com o masoquismo moral o complexo de Édipo é revitalizado - há uma regressão da moralidade ao complexo de Édipo. Isso significa que o indivíduo mantém sua moralidade junto ao masoquismo (embora nem sempre aconteça dessa forma) e que, a fim de provocar o castigo por esse representante dos pais, o masoquista tende a fazer coisas inadequadas, como agir contra os interesses do Eu. Portanto, a ressexualização do complexo de Édipo tem consequências patológicas: a inoperância da corrente da ternura com o predomínio da linguagem da paixão incestuosa, com toda a sua destrutividade.

Esse retorno contra si mesmo - o sadismo - acontece a partir de um refreamento da pulsão de destruição perante a cultura, culminando numa intensificação do masoquismo no Eu: o Super-eu castiga o Eu. Esses fenômenos da consciência moral levam-nos a supor que a destrutividade que deveria estar posta no mundo exterior também é acolhida pelo Super-eu, sem tal transformação. É nesse sentido que falamos que o sadismo do Super-eu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e resultam num mesmo destino. É possível compreender, ainda que em parte, de onde vem o sentimento de culpa. Em parte, pois, em geral, pode-se imaginar que a exigência moral seja vista como primeira renúncia pulsional, mas, na realidade, é o inverso. Primeiro essa abdicação pulsional é forçada por poderes

externos “à lei da interdição” e, então, ela cria a moralidade, que se expressa na consciência e exige nova renúncia pulsional.

Antes de seguirmos com nossas construções fantasmáticas, assinalamos que todo exercício clínico, fora da sala de análise, é um convite a elaborar hipóteses, um brincar com as nossas percepções a partir do que nos foi exposto nesse novo contexto. É nesse sentido que faremos trabalhar as duas perguntas postas no início deste estudo. Portanto, para responder a primeira, nos ocuparemos inicialmente da segunda: Como se deu o primeiro tempo do trauma?

Diante da cena do crime cometido pelo pai, onde este convoca a filha a participar, mesmo que como espectadora - nos chama a atenção a ausência da mãe -, partimos do pressuposto de que uma relação edípica incestuosa estava posta entre os personagens - pai e filha - ainda que em nível de fantasia. Fantasia carregada, provavelmente, de intenso conteúdo de uma sedução incestuosa: a mesma mão que acaricia é a mesma que bate. Pensando em bater, recordamos Freud (1919) quando falava na fantasia universal “batem em uma criança”, cena, talvez, compatível com o ser espectador do seu pai matando (batendo nas crianças): *meu pai não ama essa criança, ele só ama a mim* (FREUD, 1919, p. 133). Essa fantasia consciente encobre a inconsciente originada no amor incestuoso que - segundo Freud, deverá ser reconstruída em análise - consiste em: *meu pai me bate (estou apanhado do meu pai)* (FREUD, 1919, p. 135). Esse contexto leva todo filho a carregar um sentimento de culpa e, por conseguinte, fomentar o masoquismo. No caso de Michèle, vemo-nos diante do excesso de uma verdade material, o que faz dessa fantasia a denúncia de um acontecimento traumático: “Meu olhar vazio nessa foto é aterrorizante”. A que terror ela refere-se? Aventamos que seja a verbalização direta dos desdobramentos da vivência incestuosa pela qual foi acometida e seduzida: olhar para as cinzas que denunciam o crime do incesto cometido por pai e filha. Há, então, o desligamento de Michèle (cisão psíquica) que acreditamos estar a serviço da sobrevivência psíquica, tornando-a ausente de afeto, tal como denunciada por sua mãe, à sua imagem e semelhança: “você sempre quis uma versão asséptica do mundo. Você é tão egoísta que dá medo”. Ou, ainda, nas intensidades pouco simbólicas e abastecidas pelos destinos pulsionais pré-recalque, dos *games* de cunho sexual

- carregados de manifestações masoquistas “não erógenas” - que são desenvolvidos pela empresa da qual é uma das proprietárias. Diz ela, em determinado momento, para seus subordinados que trabalham na criação: *quero cenas com mais realismo*. Realismo que significa mais brutalidade, sexo sim, desejo não, que remete a uma não consideração pelo objeto. Estamos, provavelmente, falando em descarga pulsional, e não realização de desejo: universo do além do princípio do prazer - princípio de nirvana, que tem como fonte geradora o masoquismo primário “não erógeno”.

Questionamos novamente: onde estava esse terceiro? Uma mãe omissa que, paradoxalmente, em vários momentos, inclusive instantes antes de morrer, segue obstinadamente estimulando a filha a visitar o pai no presídio. Concluímos que o trauma primeiro vinha acontecendo nessa relação (dual) às avessas: o estabelecimento de uma relação triangular deficitária. Esse homem, como que para impedir o ato sexual incestuoso com Michèle, psicotiza. Temos a ideia do surto psicótico do pai como uma projeção naqueles com quem ele comete o crime da sua própria história - impedimento de fazer o sinal da cruz na testa das crianças do bairro. Uma vez que esse homem utiliza-se da sua crença - o poder de Deus - como uma tentativa para barrar o proibido e, quando não autorizado a utilizar-se desse contrainvestimento, executa uma fuga para a doença. Seria ele um herdeiro do pensar dos *Irmãos Karamazov* de Dostoiévski: se Deus está morto, tudo é permitido? Projeção, ou ainda, forclusão. O que é expulso da trama representacional ressurge no mundo externo: *agora sabemos que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora* (FREUD, 1911, p. 95). Pensamos isso no sentido de que ele vê nesses pais “não crentes” (hereges) a possibilidade de consumir o desejo incestuoso com seus próprios filhos. Esse outro aparentemente fora de mim é, de fato, uma parte minha que abomino, portanto precisa ser destruída. Eis aqui uma breve apresentação da identificação masoquista - o sadismo como exteriorização do masoquismo primário.

Seguindo com nossas divagações sobre o romance familiar de Michèle, compreendemos que ela se reencontra com as ramificações da sua cena primária - o pai, um católico praticante, e a mãe, uma mulher perdida em um mundo “da bela indiferença” - no casal Patrick e sua esposa - a beata Rebecca.

Partindo dessa comparação, aproveitamos o momento para explicitá-la melhor: a destrutividade protagonizada pelo pai de Michèle, no passado de sua infância roubada, é reatualizada nesse presente. Patrick surge como re-editor dessa figura: o homem *aparentemente* religioso e gentil que a socorre durante um acidente de carro é, ao mesmo tempo, carrasco ao violentá-la. Nesse sentido, Patrick será o agente determinante do reinvestimento das vivências traumáticas de sua origem. Atrevemo-nos a propor, de forma metafórica, que esse sujeito revive o fogo/trauma que a menina das cinzas continha. Situação paradoxal que de um lado remete a uma contenção protetora e de outro, a seguir sacrificando-se em nome do amor do pai. Rebecca, semelhante à mãe, cega aos acontecimentos que a cercam, deixa a responsabilidade de lidar com esse homem perverso à menina das cinzas.

Os motivos para essa série de “estupros” são de fundamental notoriedade. Lembrem que Michèle é violada em três ocasiões, teatralizando os imperativos categóricos - mandatos que o Superego executa sobre o Eu, sem possibilidade de mediações -, impondo repetições calcadas na necessidade de punição. Na cena em que Michèle conta a sua história a Patrick, após a ceia de natal, ele refere já conhecê-la. É possível supor que ele, então, estivesse aproveitando-se do fato narrado como justificativa para a violência, desejando puni-la pelo crime do qual foi cúmplice durante sua infância. Criar-se-ia, então, a possibilidade de formar uma dupla narcísica, retroalimentada pela via do masoquismo, em mim e em ti. Ainda, Michèle permite-se entrar nesse papel por sua necessidade de punição (a parceira do pai) e também, principalmente, pelo alívio decorrente da descarga pulsional que sentiu ao envolver-se em tal ato (ato que implica ser a eleita do pai). Esse prazer é resultante das somas entre ter concretizado na fantasia, precariamente metabolizada, o incesto e deixar-se seduzir pelas chamas que queimaram sua casa. Freud, em seu texto denominado *O mal-estar na civilização* (1930), teoriza que a mulher é, historicamente, a guardiã do fogo aprisionado no lar. Tomando tal ideia como uma possibilidade, nossa protagonista não encontraria melhor forma de exteriorizar seus desejos e ambições do que libertando o fogo contido em casa para satisfazer o pai. Essas exposições trabalham com a já citada ressexualização do complexo de Édipo, que determina uma exacerbação do masoquismo

moral, que viabiliza um maior grau de regressão ao masoquismo “não erógeno”, deixando Michèle à margem da corrente da ternura.<sup>5</sup>

A menina das cinzas persiste em Michèle, de tal forma que as cinzas apenas atenuaram a força incandescente das brasas; isso não permite que o componente terno, tão necessário para mediar as relações fraternas, faça-se presente. Sendo assim, presenciamos em várias cenas a impossibilidade de essa mulher poder exercer uma adequada função materna. Seu filho é colocado num lugar destituído de valor, assim como todos os homens com quem se relaciona. Entretanto, esse filho, talvez como todo filho, recebe desígnios parentais, entre eles o ser incluído na relação dual da sua mãe com Patrick. Desta maneira, poderia esse filho ser um duplo da menina das cinzas? Quem sabe. Tal ideia faz-nos confabular o seguinte enredo: Esse menino, que também é um filho, foi imbuído de realizar o parricídio que a menina não pôde executar. Acreditamos que essa mãe, que também é uma mulher, convocou esse menino para executar em ato o assassinato do representante paterno abusivo: realizar ativamente o que viveu passivamente. Recordemos: Michèle acionou seu violador para que executasse o último “estupro”, o qual culminou na morte deste. Patrick é assassinado pelo filho de Michèle num ato de tentativa de heroísmo para “salvar” a mãe de seu destino.

A história narrada nessa película (ELLE, 2016), apesar de seus descomedimentos, referenda o quanto o masoquismo é essencial, ou ainda, inevitável, na constituição da condição humana. Inevitável, como também essencial, na medida em que sua efetivação é o ponto de partida que permite a cria do homem sair do

---

5 Objetivando sinalizar uma possível diferença entre o masoquismo “não erógeno” - pujante na dupla Michèle/Patrick - e o masoquismo erógeno recorremos a uma outra produção cinematográfica: 50 Tons de Cinza (E. L. James). Nesse, lançamos um olhar pontual para Christian/Anastasia. Sobre Michèle/Patrick enxergamos marcas do masoquismo narcotizante do princípio do prazer - jogos sexuais empobrecidos de erotismo, em que a destrutividade é a tônica: dor sem paixão - anseio pelo alívio da tensão. Palco propício para o acontecer de pactos mortíferos. Quanto à dupla da trilogia 50 Tons de Cinza, há prevalência do masoquismo erógeno, - jogos sexuais revestidos de erotismo: dor com paixão. Christian/Anastasia têm seus encontros marcados por uma parceria, na qual o infligir dor entra em um roteiro fantástico, atuado, visando à realização de um desejo revestido de demandas narcísicas, acompanhado de pinceladas que evocam o reconhecimento da castração. O narcisismo cumpre sua função de proteção contra a ubiquidade da destrutividade não erótica - é o palco de contratos que viabilizam uma maior plasticidade para as demandas pulsionais.

seu total estado de desamparo pela confluência da pulsão de morte com Eros: *masoquismo, destino das pulsões, origem do sujeito* (MACHADO; PAIM FILHO, 2017). A dupla, que se encontra não por acaso, tinha em suas histórias o trágico como peça comum - a repetição demoníaca do mesmo. Rebecca, na cena em que está providenciando a mudança de sua residência, após o assassinato de seu marido, encontra Michèle e diz: “Felizmente eu tenho fé. Do que serve ela se não for nas situações difíceis? Patrick era um homem bom, mas era uma alma torturada. Fico feliz que você tenha podido dar o que ele precisava. Ao menos por algum tempo”. Dito isso, lançamos uma questão: o que ele precisava? Ou mais, o que ambos precisavam? Patrick afirma que tê-la violentado foi “o necessário”, mas o que seria necessário? Entendemos que, para eles, era necessário atender às demandas das suas compulsões masoquistas. E, para cada um de nós, o que é necessário para atender às demandas do masoquismo que nos constitui?

## REFERÊNCIAS

- DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo: Ed. 34, 2008. (Leste).
- ELLE. Direção: Paul Verhoeven. Produção: Saïd Ben Saïde, Michel Merkt. Roteiro: David Birke. França: Twenty Twenty Vision Filmproduktion GmbH, 2016. 1DVD.
- FREUD, S. (1887). Carta 71. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Rio de Janeiro, 1997. (Edição Standard Brasileira, 1).
- \_\_\_\_\_. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: o caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)**. Rio de Janeiro, 1996. (Edição Standard Brasileira, 12).
- \_\_\_\_\_. (1913). Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: além do princípio do prazer, psicologia de grupos e outros trabalhos (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Edição Standard Brasileira, 18).

\_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: a história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Edição Standard Brasileira, 14).

\_\_\_\_\_. (1919). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 17).

\_\_\_\_\_. (1923). O ego e o id. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: o ego, o id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. (Edição Standard Brasileira, 19).

\_\_\_\_\_. (1924) O problema econômico do masoquismo. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: o ego, o id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira, 19).

\_\_\_\_\_. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: o ego, id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira, 19).

\_\_\_\_\_. (1930). O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas: o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira, 21).

MACHADO, A. P. T.; PAIM FILHO, I. A. Masoquismo: vida e morte: origens da alma. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 26., 2017. Fortaleza. **Morte e vida: novas configurações**. Fortaleza: FEBRAPSI, 2017.

PAIM FILHO, I. A. A guerra e o repúdio ao feminino: uma releitura da disposição feminina originária. In: \_\_\_\_\_. **Metapsicologia: um olhar a luz da pulsão de morte**. Porto Alegre: Movimento, 2014.

\_\_\_\_\_. Freud reinventando Freud: um retorno às origens (por uma metapsicologia da pulsão de morte). In: PAIM FILHO, I. A.; LEITE, L. In: \_\_\_\_\_. **Metapsicologia: um olhar a luz da pulsão de morte**. Porto Alegre: Movimento, 2014.

## **ELLE: a testimony of the masochistic dimension of the human being**

### **Abstract**

One of the most important metapsychological concepts, structured by Sigmund Freud in his revolutionary science called psychoanalysis, is masochism. With its ramifications in origin, moral and feminine, it is one of the main components of the psycho-sexual structure of the subject, attesting the conflict between sexual drive and death drive, and having its influence evidenced in human life. Since of the French film ELLE, the stage of an intense relationship between a female protagonist (Michèle) and an unknown rapist, we seek to revisit it to present the force of the traumatic experiences - collapse of the tenderness chain towards a torn sexuality - as well as its consequences in the interaction with the other. Through the conflicting Oedipal, incest, parricide and interplay between ego and super-ego, this paper aims to bring to the scene the relation between violence and sexuality, debating on the limits of the pathological and, from this, making an invitation to reflect on the fate of the masochism that lives in all of us.

**Keywords:** Masochism. Conflicting oedipal. Death drive. Rape.